



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

SAULO NEGREIROS CARNEIRO

**REFLETINDO A HISTÓRIA DA AMÉRICA LATINA: UMA ANÁLISE DA OBRA
NINGUÉM ESCREVE AO CORONEL DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ**

**SANTAREM-PA
2025**

SAULO NEGREIROS CARNEIRO

**REFLETINDO A HISTÓRIA DA AMÉRICA LATINA: UMA ANÁLISE DA OBRA
NINGUÉM ESCREVE AO CORONEL DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao programa de Ciências Humanas, como requisito parcial para obtenção de título de Licenciado em História. Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Educação.

Orientador: Felipe Tavares de Moraes

**SANTAREM-PA
2025**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/Ufopa

- C289r Carneiro, Saulo Negreiros
Refletindo a história da América Latina: uma análise da obra *Ninguém escreve ao Coronel* de Gabriel García Márquez./ Saulo Negreiros Carneiro. – Santarém, 2025.
32 p.: il.
Inclui bibliografias.
- Orientador: Felipe Tavares de Moraes.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Licenciatura em História.
1. América Latina. 2. Gabriel García Márquez. 3. História. I. Moraes, Felipe Tavares de, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 907



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos dezessete dias do mês de junho de dois mil e vinte e cinco, na cidade de Santarém, do Estado do Pará, reuniu-se de forma presencial no Laboratório de História, no Campus Rondon, a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido por Saulo Negreiros Carneiro, matrícula 201800114, intitulado "REFLETINDO A HISTÓRIA DA AMÉRICA LATINA: UMA ANÁLISE DA OBRA NINGUÉM ESCREVE AO CORONEL DE GABRIEL GARÇIA MÁRQUEZ", sob orientação do Prof. Dr. Felipe Tavares de Moraes, da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). A banca examinadora foi composta pelo presidente, o docente orientador citado, e pelos(as) seguintes membros docentes: Profa. Dra. Eveline Almeida de Sousa (UFOPA) e Prof. Dr. Lauro Roberto do Carmo Figueira (UFOPA). Após a defesa e análise do TCC, considerando a qualidade deste trabalho, a banca deferiu pela () aprovação / () reprovação do TCC, atribuindo ao mesmo a nota 10,0. Fica acordado que a referida nota 10,0 está condicionada à entrega da versão final do trabalho, no prazo máximo de dez (10) dias, a partir desta data, e a mesma nota está condicionada a contemplar as observações da banca examinadora. Proclamados os resultados pelo presidente da banca, foram encerrados os trabalhos e, para constar, eu Felipe Tavares de Moraes lavrei a presente ata, que será assinada pelo autora e membros da banca examinadora.

Autor: Saulo Negreiros Carneiro

Saulo Negreiros Carneiro

Orientador: Prof. Dr. Felipe Tavares de Moraes

Felipe Tavares de Moraes

Examinadora: Profa. Dra. Eveline Almeida de Sousa

Eveline Almeida de Sousa

Examinador: Prof. Dr. Lauro Roberto do Carmo Figueira

Lauro Roberto do Carmo Figueira

AGRADECIMENTOS

Agradeço, com todo o meu carinho, aos meus pais, José Izidoro e Maria Iolanda, por todo o amor, apoio e ensinamentos que me acompanham desde sempre. Às minhas amigas Dalila Brandão e Maraya Machado, por estarem ao meu lado nos momentos bons e nos desafiadores. A companhia de vocês tornou essa jornada mais leve e significativa.

Agradeço também aos professores do curso, que contribuíram para a minha formação com dedicação e sabedoria. Em especial, ao meu orientador, professor Felipe Moraes, pela orientação atenta, pelos conselhos generosos e por acreditar no meu trabalho.

E, por fim, viva à universidade pública que ela seja sempre um espaço de conhecimento, transformação e resistência. E siga sendo acessível, plural e democrática para todas e todos.

RESUMO

O presente trabalho buscou analisar a obra *Ninguém Escreve ao Coronel*, de Gabriel García Márquez, identificando a perspectiva do realismo mágico como estratégia narrativa de reinterpretação da história latino-americana. Partindo da experiência da Colômbia em uma parte do século XX, que é marcada por conflitos e exclusão social. A análise busca demonstrar como o autor articula elementos do cotidiano para construir uma crítica ao abandono institucional e às promessas não cumpridas do Estado. Segundo Irlemar Chiampi (1980), o realismo mágico é compreendido não como um recurso exótico, mas como uma linguagem de resistência, que rompe com a narrativa histórica ocidental e insere na literatura a memória coletiva latino-americana a partir de suas próprias formas de expressão. A experiência vivenciada pelo coronel, personagem principal da história, revela o medo, o terror e a violência que também fez parte da vida de outros milhares de latino-americanos em outros países. Gabriel Garcia Márquez retrata uma história que em determinados momentos é compartilhada, resgatando a memória de populações marginalizadas da América Latina, mostrando a potência da literatura em resgatar vozes silenciadas e construir outras formas de leitura do real, resgatando elementos que a história oficial não conseguiu alcançar.

Palavras-chave: América Latina; Gabriel García Márquez; História; Literatura; Realismo Mágico.

ABSTRACT

This work sought to analyze Gabriel García Márquez's *Nobody Writes to the Colonel*, identifying the perspective of magical realism as a narrative strategy for reinterpreting Latin American history. It starts from the experience of Colombia in a part of the 20th century marked by conflict and social exclusion. The analysis seeks to demonstrate how the author articulates elements of everyday life to build a critique of institutional abandonment and the unfulfilled promises of the state. According to Irlemar Chiampi (1980), magical realism is understood not as an exotic resource, but as a language of resistance, which breaks with Western historical narrative and inserts Latin American collective memory into literature through its own forms of expression. The experience of the colonel, the main character in the story, reveals the fear, terror and violence that was also part of the lives of thousands of other Latin Americans in other countries. Gabriel García Márquez portrays a story that at certain moments is shared, rescuing the memory of marginalized populations in Latin America, showing the power of literature to rescue silenced voices and build other ways of reading reality, rescuing elements that official history has failed to reach.

Keywords: Latin America; Gabriel García Márquez; History; Literature; Magic Realism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1 – GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ, A HISTÓRIA E A LITERATURA.....	10
1.1 A trajetória social e literária de Gabriel García Márquez.....	10
1.2 O realismo mágico: a relação entre história e ficção.....	15
CAPÍTULO 2 – O REALISMO HISTÓRICO DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ: A COLÔMBIA E A AMÉRICA LATINA EM <i>NINGUÉM ESCREVE AO CORONEL</i>.....	20
2.1 A Guerra Civil de 1899-1902.....	21
2.2 A ditadura	24
2.3 O Coronel e a corrupção do Estado: relações de poder	28
CONCLUSÃO	31
REFERÊNCIAS.....	32

INTRODUÇÃO

Este trabalho parte do interesse de tentar compreender um pouco da realidade colombiana no século XX e como ela se relaciona com a experiência histórica vivida por outros países na América Latina a partir da análise de *Ninguém Escreve ao Coronel* (1961) de Gabriel García Márquez. Essa obra ocupa um lugar único dentro da produção do autor por sua simplicidade, densidade simbólica, política e histórica. A obra retrata a figura de um Coronel envelhecido que espera por uma carta oficial prometendo sua aposentadoria como veterano de guerra. Nesse romance Márquez constrói uma poderosa alegoria do abandono estatal e uma espera interminável por justiça e desilusão com as promessas revolucionárias.

Para entender a escolha da literatura como fonte recorri ao argumento de Sandra Pesavento (2003), ela argumenta que a História e a Literatura são formas narrativas distintas, mas interconectadas na forma de representar o mundo, especialmente no ponto de vista da história cultural. A autora defende que ambas constroem discursos a partir do real mesmo que por caminhos diferentes, e que somente “há uma distinção entre os compromissos de cada narrativa com a realidade” (PESAVENTO, 2003, p. 33). O historiador precisa se apoiar em fontes e documentos que deixaram marcas no passado, visando atingir uma possível verdade, enquanto o literato não busca uma veracidade factual, apenas uma verossimilhança.

A literatura possui liberdade na representação simbólica, e mesmo inventando mundos o autor se inspira de alguma forma na realidade, sem necessidade de provar o que foi escrito. Por isso Pesavento (2003), argumenta que a literatura pode ser fonte para a História dependendo dos problemas ou questões formuladas, segundo ela:

se o historiador estiver interessado em resgatar as sensibilidades de uma época, os valores, razões e sentimentos que moviam as sociabilidades e davam o clima de um momento dado no passado, ou em ver como os homens representavam a si próprios e ao mundo, a Literatura se toma uma fonte muito especial para o seu trabalho. (PESAVENTO, 2003, p. 39).

Portanto, neste trabalho uso da literatura para a História buscando transpor a realidade do imaginário de um determinado tempo, construído pela percepção dos homens daquele tempo, que no momento da escrita tomavam aquele lugar como real e concreto. “A literatura é o domínio da metáfora da escrita, da forma alegórica da narrativa que *diz* sobre a realidade de uma outra forma, para dizer além” (PESAVENTO, 2003, p. 40). A literatura é fundamental

para a história porque permite acessar o imaginário social de uma época, podendo não ser uma fonte de fatos, mas fonte de representações.

O primeiro capítulo deste trabalho busca traçar a trajetória do autor e de sua produção, caracterizada pelo realismo mágico. O realismo mágico de García Márquez propõe uma reinterpretação da história que contrasta com os modelos lineares. À espera do Coronel rompe com a cronologia tradicional e insere o leitor em uma temporalidade própria das tradições latino-americanas, onde passado e presente se entrelaçam e se reconfiguram. Neste capítulo também é abordado como o realismo mágico se apresenta enquanto ferramenta de intensificação do real, dando representação a populações silenciadas pelas narrativas oficiais.

O segundo capítulo se insere na análise da obra *Ninguém Escreve ao Coronel*, onde analisamos uma Colômbia atravessada por conflitos armados, autoritarismo, censura e desigualdade social. Essa realidade, embora envolvida em contornos específicos, dialoga com experiências semelhantes vividas em diversos países latino-americanos ao longo do século XX, como o abandono de populações do interior e a presença opressiva de instituições do estado. García Márquez em 1961 na sua narrativa oferece uma alternativa para compreender a realidade latino-americana por fora dos parâmetros eurocêntricos da história e da literatura.

Portanto esse trabalho busca analisar a obra *Ninguém Escreve ao Coronel* para compreender de que maneira Gabriel García Márquez utiliza o realismo mágico como um instrumento de reconstrução simbólica e histórica e como essa estética se articula com as experiências históricas de exclusão, resistência e memória na América Latina.

CAPÍTULO 1 – GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ, A HISTÓRIA E A LITERATURA

O primeiro capítulo desta pesquisa irá explorar os aspectos fundamentais da vida e da obra do escritor Gabriel García Márquez, especialmente em um contexto pós-segunda guerra mundial, período de muitas transformações políticas, econômicas, sociais e culturais em todo o mundo, focando especificamente na América Latina, mudanças essas que influenciaram toda a Literatura. Inicialmente, aborda-se a trajetória social e literária do escritor, destacando os eventos e experiências que moldaram sua visão de mundo e contribuíram para o desenvolvimento de sua identidade artística. Nesse sentido, será analisado o papel das vivências de García Márquez em sua Colômbia natal e os desdobramentos de sua inserção no cenário intelectual latino-americano.

Na sequência, será discutido o realismo mágico como estilo literário distintivo de Gabriel García Márquez, enfatizando sua habilidade única de entrelaçar história e ficção. Essa seção examina como o autor utiliza elementos do cotidiano e do imaginário para reinterpretar fatos históricos, propondo uma narrativa que desafia as fronteiras entre o real e o maravilhoso. Ademais, busca-se compreender de que maneira essa abordagem reflete e questiona os contextos históricos e culturais em que sua obra foi produzida.

Este capítulo oferece então um panorama inicial que combina a análise da trajetória do autor e de sua abordagem literária, preparando o terreno para uma análise mais detalhada da obra específica a qual este trabalho se propôs para a pesquisa. Ao fazer isso, busca-se não apenas compreender a obra de Gabriel García Márquez, mas também destacar sua relevância no contexto da literatura latino-americana e sua capacidade de lançar luz sobre questões históricas e culturais por meio da ficção.

1.1 A trajetória social e literária de Gabriel García Márquez

Gabriel García Márquez, nascido em 1927 na pequena cidade de Aracataca, na Colômbia, é reconhecido como um dos mais importantes escritores da literatura latino-americana e mundial. Sua obra, caracterizada pelo realismo mágico e uma profunda conexão com as realidades sociais e políticas da América Latina, transcende fronteiras culturais e linguísticas, deixando um legado duradouro. Com romances emblemáticos como "Cem Anos de Solidão" e "O Amor nos Tempos do Cólera", ele conquistou crítica e público ao redor do mundo.

Passou sua infância na cidade em que nasceu, Aracataca, cidade essa que mais tarde serviria de inspiração para o fictício Macondo, cenário de muitas de suas obras. Nessa pequena cidade colombiana, ele foi influenciado pelas histórias contadas por sua avó, Úrsula Iguarán, que lhe transmitiu a tradição oral e o imaginário mágico que mais tarde caracterizaria sua escrita. Essas experiências de infância moldaram não apenas sua visão de mundo, mas também seu estilo literário único, que mistura o realismo com o fantástico de maneira extraordinária.

García Márquez faz parte de uma geração de escritores latino-americanos surgida na década de 1960¹, que impulsionaram a escrita latino-americana e se tornaram *best sellers* na América Latina, Estados Unidos e Europa. Apesar de não fazerem parte de uma corrente literária específica, os autores dessa geração “compartilhavam uma preocupação com a linguagem e a forma bem como uma ênfase em elementos universais da experiência humana.” (HERSCOVITZ, 2004, p. 176.). García Márquez assim como alguns autores dessa geração, começaram a carreira profissional como jornalistas. Nessa profissão ele fez muitas viagens e conheceu de perto os diferentes contextos políticos e sociais do continente. Sua experiência como correspondente internacional o levou a viver em países como Colômbia, Venezuela, México e Estados Unidos. Essa vivência ampla e diversificada enriqueceu sua visão de mundo e o inspirou a abordar temas complexos em sua escrita.

Foi nesse período que ele começou a desenvolver seu estilo narrativo característico, incorporando elementos da realidade com toques de fantasia e surrealismo. Ele rompeu com o realismo tradicional e abraçou “um mundo no qual a fantasia e a realidade fundiram-se para formar uma nova esfera chamada realismo mágico.” (HERSCOVITZ, 2004, p. 177.). Ao longo de sua carreira jornalística, García Márquez também se envolveu com movimentos políticos de esquerda e foi influenciado por figuras como Fidel Castro.

Sua experiência como jornalista em meio a contextos políticos turbulentos da América Latina durante o século XX moldou suas convicções e sua postura crítica em relação aos governos autoritários e à injustiça social. Essas experiências foram fundamentais para sua transição de jornalista para escritor e para a abordagem engajada que ele traria para suas obras literárias. Assim, antes de se tornar o renomado escritor que conhecemos, Gabriel García Márquez trilhou um caminho profissional diverso, marcado pela experiência no jornalismo e pelas vivências ao redor da América Latina.

¹ Juntamente com Mario Vargas Llosa, Julio Cortázar, Carlos Fuentes, Augusto Roa Bastos, Guillermo Cabrera Infante, Alejo Carpentier e José Donoso.

A transição de repórter para escritor permitiu que ele trouxesse suas observações afiadas sobre a sociedade e a política latino-americanas para suas obras de ficção, dando voz aos personagens e situações que refletiam as complexidades e contradições de seu tempo.

Durante a vida de García Márquez, a América Latina passava por intensas transformações sociais e políticas. A Revolução Cubana, liderada por Fidel Castro em 1959, foi um marco significativo (SALDÍVAR, 1997). O triunfo da revolução inspirou movimentos de esquerda em toda a América Latina, incluindo a Colômbia. Paralelamente, a região enfrentou ditaduras militares que buscavam conter movimentos sociais e preservar interesses políticos e econômicos dos grupos dominantes. Países como Chile, Argentina, Brasil e Uruguai foram marcados por regimes autoritários durante as décadas de 1960, 1970 e 1980, reprimindo movimentos sociais e políticos.

O contexto histórico e social da América Latina durante a vida de García Márquez foi crucial para sua formação como escritor. A Revolução Cubana, as ditaduras militares e a luta por justiça social influenciaram profundamente sua visão de mundo e engajamento político, refletindo-se em suas obras literárias. García Márquez simpatizava com ideias de esquerda e se envolveu com líderes e movimentos sociais da América Latina, como Fidel Castro. Sua relação com Castro, tanto pessoal quanto política, foi duradoura, com García Márquez apoiando abertamente o governo cubano (ESTEBAN; PANICHELLI, 2011.).

Ao longo de sua vida, García Márquez criticou regimes autoritários na América Latina, inclusive na Colômbia. Suas críticas abordavam não só o campo político, mas também as violações dos direitos humanos. Sua obra frequentemente retrata personagens enfrentando autoritarismo e corrupção, refletindo as realidades que denunciava. Em *O Outono do Patriarca*, por exemplo, descreve de forma contundente um regime ditatorial que oprime seu povo, oferecendo uma crítica à tirania e à repressão.

Além de suas críticas aos governos autoritários, García Márquez era defensor dos direitos humanos. Estava envolvido em organizações e movimentos por justiça e liberdade na América Latina e no mundo, seu engajamento político impactou profundamente suas obras literárias. Temas como injustiça social, corrupção política e resistência contra regimes opressivos são reflexos de suas convicções políticas. (MARTIN, 2019). Personagens como o Coronel Aureliano Buendía em *Cem Anos de Solidão* ou Santiago Nasar em *Crônica de uma Morte Anunciada* exemplificam as lutas individuais e coletivas contra o poder autoritário.

O realismo mágico frequentemente servia como metáfora para as realidades políticas da América Latina, misturando o fantástico com o cotidiano para denunciar injustiças e absurdos sociais.

Ninguém Escreve ao Coronel (*El coronel no tiene a quien le escriba*), publicado em 1961, é uma das obras mais emblemáticas da fase inicial da carreira de Gabriel García Márquez. Embora seja um livro breve, sua importância é profunda tanto para o desenvolvimento artístico do autor quanto para sua trajetória literária. A obra foi escrita em um momento de dificuldades financeiras para García Márquez. Vivendo no México, ele enfrentava grandes desafios econômicos, mas perseverou em sua dedicação à literatura (SALDÍVAR, 1997). Esse romance reflete a habilidade de García Márquez em transformar experiências e sentimentos pessoais em narrativas universais. Inspirado por episódios de sua infância em Aracataca e por figuras como seu avô materno, o autor construiu um personagem que encarna a dignidade e a luta pela sobrevivência em meio à adversidade.

O biógrafo Dasso Saldívar, em *Gabriel García Márquez: Viagem à Semente* (1997), oferece uma análise detalhada sobre a vida e a obra do escritor colombiano. Saldívar explora como personagens, lugares, memórias e acontecimentos influenciaram a criação do universo literário de García Márquez, incluindo *Ninguém Escreve ao Coronel*. Em uma passagem, Saldívar narra as viagens que García Márquez realizou pelo interior da Colômbia com seu amigo, o compositor Rafael Escalona. Ambos compartilhavam histórias de vida marcadas pela figura de avós que haviam sido coronéis na Guerra dos Mil Dias e que passaram os anos finais esperando por uma aposentadoria que nunca chegou.

Sobre essa experiência, Saldívar observa:

O sentido de honra do velho Escalona, a incorruptibilidade política daquele velho liberal puro-sangue e sua estampa senhorial e austera não apenas fizeram reviver em García Márquez a figura do próprio avô, como também reforçaram nele a imagem do protótipo da qual saíria o personagem de *Ninguém Escreve Ao Coronel* (1997, p. 243)

Essa influência do avô de García Márquez e do velho Escalona na construção do personagem do Coronel não é apenas biográfica, mas também histórica. A figura do Coronel encapsula a memória de uma geração que lutou em guerras civis e que, anos depois, foi esquecida pelo próprio país que serviu. Essa dualidade entre honra e abandono reflete as contradições da sociedade colombiana e latino-americana da época, marcada por promessas políticas não cumpridas e uma profunda desigualdade social. Ao imortalizar essas histórias em *Ninguém Escreve ao Coronel*, García Márquez não só homenageia sua própria linhagem, mas também cria um símbolo universal da resistência e da dignidade frente ao esquecimento.

No romance é narrada a história de um Coronel aposentado que, apesar de viver em condições miseráveis, espera pacientemente por uma carta prometendo sua pensão de guerra.

Enquanto isso, ele e sua esposa idosa enfrentam a fome e o desespero, sustentando-se na esperança e na obstinação. O Coronel simboliza a resiliência diante da negligência governamental e da falta de perspectivas, um tema recorrente de sua escrita: “García Márquez era um jovem escritor de vinte e cinco anos com a convicção de que todo bom romance é bom em função de duas circunstâncias simultâneas: ser uma transposição poética da realidade e uma espécie de adivinhação cifrada do mundo” (SALDÍVAR, 1997, p. 21)

Ninguém Escreve ao Coronel marca o amadurecimento de García Márquez como escritor. O texto combina simplicidade narrativa com profundidade emocional, características que se tornaram distintivas de sua obra. Embora ainda não explore plenamente o realismo mágico que definiria *Cem Anos de Solidão*, o romance já apresenta traços da sensibilidade lírica e da crítica social que permeiam sua literatura. O livro não alcançou sucesso comercial imediato, mas foi essencial para consolidar García Márquez como um dos escritores mais influentes de sua geração.

Ao misturar o extraordinário com o comum, convida o leitor a questionar as complexidades da própria realidade. Durante sua carreira, García Márquez continuou a utilizar o realismo mágico para desafiar convenções literárias e revelar verdades ocultas da América Latina. Seu estilo único não só o consagrou como um dos maiores escritores do século XX, mas também deixou um legado na literatura mundial.

Em 1982, García Márquez foi agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura. Este prêmio reconheceu sua genialidade literária e sua habilidade em capturar a realidade colombiana com um toque de fantasia. Colocando-o entre os maiores escritores do mundo, o Nobel ampliou ainda mais o alcance de sua obra. Seu legado perdura após sua morte, com suas obras sendo estudadas e celebradas em todo o mundo (SALDÍVAR, 1997).

O realismo mágico de García Márquez continua a inspirar escritores contemporâneos, oferecendo uma voz crítica e poderosa contra injustiças sociais e políticas. Seu legado é indiscutivelmente duradouro e significativo, contribuindo imensamente para a literatura mundial e inspirando gerações de escritores e leitores a explorar novas formas de expressão e mergulhar nas profundezas da condição humana.

A trajetória literária e social de Gabriel García Márquez não só reflete o panorama político e cultural da América Latina, mas também prepara o terreno para a compreensão de uma das características mais marcantes de sua obra: a fusão entre o real e o fantástico. Essa habilidade de transformar narrativas cotidianas em histórias repletas de elementos extraordinários, sem romper com a verossimilhança, exemplifica a força do realismo mágico como recurso literário e como forma de interpretar a realidade. Ao conectar o fantástico às

questões sociais, políticas e históricas, García Márquez não só reinventa a forma de contar histórias, mas também insere o realismo mágico em um diálogo direto com as transformações e contradições vividas no continente latino-americano. A seguir, exploraremos como essa técnica narrativa, ao integrar história e ficção, se torna uma poderosa ferramenta para refletir sobre as complexidades da experiência histórica e cultural.

1.2 O realismo mágico: a relação entre história e ficção

Em sua análise sobre a série *Cem Anos de Solidão*, lançada em dezembro de 2024 pela plataforma *Netflix* e baseada na obra de Gabriel García Márquez, a jornalista e crítica de cinema Isabela Boscov sintetiza de maneira incisiva a essência do realismo mágico ao afirmar que o realismo mágico foi a forma que os escritores latino-americanos encontraram para descrever um continente indescritível (BOSCOV, 2024).² Essa definição transcende a simplicidade de um comentário crítico e oferece uma chave interpretativa para compreender o movimento literário que redefiniu a literatura da América Latina no século XX.

O "continente indescritível" a que Boscov (2024) se refere é aquele em que realidade e fantasia coexistem de maneira indissociável, onde eventos extraordinários não são vistos como anomalias, mas como parte integrante da vida cotidiana. A América Latina, com sua história de colonialismo, resistência, pobreza, riqueza cultural e diversidade, exige uma forma de expressão que vá além dos limites da narrativa tradicional. O realismo mágico, nesse sentido, não é apenas uma estética, mas uma necessidade: uma maneira de traduzir as contradições, os sonhos e os traumas de um território que desafia explicações lineares.

Dessa maneira, Boscov (2024), não apenas define o movimento literário, mas lança luz sobre sua relevância histórica e cultural. O realismo mágico emerge como a tentativa dos escritores latino-americanos de capturar o indescritível, de dar forma àquilo que escapa à lógica racional e de oferecer ao mundo uma visão singular de um continente multifacetado e profundamente humano.

Devemos entender o realismo mágico como um estilo literário que usa elementos mágicos ou sobrenaturais para falar de uma realidade de forma simbólica. O termo "foi utilizado pela primeira vez em 1925, na Alemanha, pelo crítico de arte e historiador Franz Roh, num livro publicado pela Revista do Ocidente, intitulado *O realismo mágico*" (ANTONIETTI-

² Para informações detalhadas da crítica de Isabela Boscov sobre a série "Cem Anos de Solidão", consultar o link: https://www.youtube.com/watch?v=AyK880Yx_kQ&ab_channel=IsabelaBoscov

LOPES, 2007, p. 11). Quando surgiu ele se propunha a buscar outras formas de ver a realidade sem fugir do visível e concreto. Segundo Irlemar Chiampi (1980):

(...) o primeiro a incorporar o termo à crítica do romance hispano americano foi Arturo Uslar Pietri, em *Letras y Hombres de Venezuela*, em 1948, onde ele dizia que se a realidade é considerada misteriosa, ou “mágica”, cabe ao narrador “adivinhá-la”; se a realidade é considerada prosaica, cabe a ele “negá-la” (ANTONIETTI-LOPES, 2007, p. 11. Apud, CHIAMPI, 1980).

A autora Antonietti-Lopes (2007), menciona que Uslar Pietri visitou muito a França e a Itália no final da década de 1920, e que durante essas visitas provavelmente ele se interessou pelo termo e utilizou em seu texto. Mas o realismo mágico só chegou a se popularizar como categoria literária a partir da década de 1940, quando “Angel Flores popularizou o termo realismo mágico na conferência “Magical realism in Spanish American fiction”, lida no Congresso da “Modern Languages Association” em Nova Iorque” (ANTONIETTI-LOPES, 2007, p. 12).

Outro autor importante no desenvolvimento do conceito de realismo mágico foi Alejo Carpentier, que cunhou o termo “real maravilhoso” para destacar a especificidade da experiência latino-americana. No prólogo de *El reino de este mundo* (1949), Carpentier afirmou que o maravilhoso americano não era apenas deslumbramento com o extraordinário, mas uma percepção disruptiva da realidade do continente, enraizada em sua história e cultura (IEGELSKI, 2021, p. 5.). Carpentier inventa seu próprio termo, “la real maravilloso americano”, para descrever o que ele argumenta ser uma forma exclusivamente latino-americana de realismo mágico.

Autores como Alejo Carpentier, Miguel Ángel Asturias, Juan Rulfo e Gabriel García Márquez foram associados a essa estética do realismo mágico, marcada pela mistura do real e do irreal em narrativas que entrelaçaram temporalidades diversas. Oferecendo interpretações singulares sobre experiências históricas e políticas da América Latina, desde a colonização até os golpes de Estado do século XX.

Algumas obras desses autores se destacam por reinterpretar a história e as tradições do continente. Em *El reino de este mundo* (1949), Carpentier recria os acontecimentos extraordinários que precederam e sucederam a revolução haitiana, enquanto em *Hombres de maíz* (1949), Asturias utiliza o milho – símbolo cultural e econômico da Guatemala – para narrar as lutas dos povos indígenas contra os invasores estrangeiros. Já em *Pedro Páramo* (1955), Rulfo apresenta uma cidade fantasma onde os mortos rememoram suas histórias miseráveis. Por sua vez, García Márquez, em *Cien años de soledad* (1967), constrói, por meio da fictícia

cidade de Macondo, uma narrativa que encapsula os ciclos históricos e políticos da América Latina (PEREIRA, 2012).

Segundo Pereira (2012), não se sabe qual obra inaugurou o *boom* do realismo mágico como movimento literário, mas a obra com maior destaque foi *Cem Anos de Solidão*, de Gabriel Garcia Márquez em 1966, que se destacou tanto na literatura hispano-americana quanto no mundo todo. Esse boom segundo a autora se deve ao esgotamento do romance na Europa e das narrativas pós-guerra e pela “curiosidade que se tinha por uma região de tantas revoluções, como a socialista em Cuba.” (PEREIRA, 2012, p. 16).

Em suma, o realismo mágico aborda elementos da realidade, que são valorizados mesmo quando mostrados de forma regular, presentes na vida costumeira, contendo uma magia que pode ser percebida com facilidade por qualquer pessoa. Mas para que esse efeito seja alcançado, é essencial que o elemento mágico não apenas interrompa a lógica do mundo real, mas se insira nele de forma que a surpresa inicial dê lugar a uma aceitação natural por parte do leitor. Isso permite que o mágico não seja percebido como um artifício narrativo externo, mas como uma extensão orgânica da realidade apresentada no texto. É nesse ponto que o realismo mágico se diferencia de outros gêneros: sua capacidade de fundir o incrível ao plausível, questionando o que entendemos como verdadeiro ou imaginário.

A ficção do realismo mágico frequentemente aborda traumas históricos, como a colonização, a escravidão e as ditaduras. Contudo, ao invocar o mágico, essas narrativas não só denunciam a opressão, mas também oferecem esperança e resistência (ZAMORA; FARIS, 1995). Pode-se afirmar então que o realismo mágico não busca ocultar ou disfarçar a realidade, mas, ao contrário, a retrata de maneira sensível e detalhada. Diferente do realismo do século XIX, que apresentava uma preocupação direta em expor questões sociais, o realismo mágico utiliza elementos extraordinários para evidenciar, de forma sutil e envolvente, as complexidades e os problemas da sociedade (PEREIRA, 2012, p. 22). Diante disso, até que ponto devemos ser cautelosos com a literatura como leitura do real?

Chartier (2017), argumenta que a literatura é um campo privilegiado de representação e experiência humana, mas não deve ser confundida com um espelho direto da realidade, porque apesar de se alimentar do real não busca fidelidade factual. No entanto, a semelhança entre literatura e história não está necessariamente no compromisso de construção dos fatos, mas como ambas constroem sentidos por meio da linguagem.

Segundo Hayden White (1992), a historiografia também não se espelha no passado de forma transparente, mas o reconstrói por meio de escolhas narrativas que são atravessadas por valores culturais e ideológicos, ou seja, assim como a literatura, a história é uma forma de

organizar o real através da linguagem, ela seleciona, hierarquiza e conecta eventos dentro de estruturas narrativas e isso vai moldando como o passado é compreendido. Ele não anula a diferença entre os dois campos, mas rompe com a dicotomia de que a história seria totalmente factual e a literatura mera ficção, mito ou invenção. Ambas são formas de representar o real, mas a literatura parte de estratégias diferentes para revelar as dimensões da experiência humana que a história muitas vezes não alcança.

Nesse contexto, o realismo mágico é especialmente relevante na América Latina, onde os escritores lidaram com uma realidade histórica tumultuada e muitas vezes negligenciada. Ao criar mundos em que o maravilhoso e o cotidiano coexistem, esses escritores ofereceram uma forma inédita de entender os processos históricos e sociais da região. Nesse sentido, a literatura do realismo mágico funciona como um diálogo entre o passado e o presente, questionando as narrativas dominantes e oferecendo novas possibilidades de interpretação. Incorporando a memória popular, os mitos fundadores e as histórias locais em suas narrativas, resgatando elementos que a história oficial não conseguiu alcançar.

Gabriel García Márquez ocupa um lugar central no desenvolvimento e na consolidação do realismo mágico como uma das manifestações mais emblemáticas da literatura latino-americana. Autor de obras que transcendem fronteiras e conquistaram públicos ao redor do mundo, García Márquez tornou-se não apenas um expoente do movimento, mas também uma figura essencial para compreender a força e a profundidade do realismo mágico como forma de expressão cultural e histórica.

Segundo Chiampi (1980), García Márquez não apenas absorveu as inovações técnicas de seus predecessores, mas as radicalizou com sua habilidade de entrelaçar o cotidiano com o extraordinário, atribuindo ao fantástico uma naturalidade que transforma o impossível em algo corriqueiro. Em *Cem Anos de Solidão*, o autor constrói o universo de Macondo, uma cidade fictícia onde o sobrenatural e o real coexistem em perfeita harmonia.

A autora argumenta ainda que García Márquez também contribuiu para a ampliação das possibilidades narrativas do realismo mágico ao incorporá-lo como um instrumento para a interpretação histórica e social. Ele utiliza o fantástico não como mera estética, mas como uma ferramenta para reinterpretar a memória coletiva e os traumas históricos do continente, como o colonialismo, as guerras civis e a exploração econômica. Dessa forma o que poderia ser uma simples fabulação se transforma em um mecanismo literário de desconstruir narrativas oficiais e dar voz às experiências coletivas silenciadas.

Chiampi (1980), destaca ainda como o autor conseguiu sintetizar as lutas, esperanças e fracassos do povo latino-americano através dos seus personagens. Criando uma linguagem

literária que expressa a complexa identidade cultural, capaz de fazer do maravilhoso não um escape, mas uma forma de interpretar a multifacetada experiência latino-americana.

Outro aspecto importante de García Márquez dentro deste movimento literário foi a sua capacidade de internacionalizar o realismo mágico, consolidando-o como um movimento literário global. Sua obra, traduzida para dezenas de idiomas, apresentou a riqueza da literatura latino-americana a leitores de diferentes culturas e sensibilidades. A consagração do autor com o Prêmio Nobel de Literatura em 1982 não apenas solidificou sua posição como um dos maiores escritores do século XX, mas também projetou o realismo mágico como um estilo literário de relevância universal (MARTIN, 2019).

No capítulo a seguir analiso a obra *Ninguém Escreve ao Coronel* para mostrar como Gabriel García Márquez mobiliza o realismo mágico enquanto recurso que intensifica experiências reais, revelando camadas profundas da experiência histórica e social latino-americana, especialmente a colombiana, marcada por conflitos, desigualdade e uma longa espera por justiça.

CAPÍTULO 2 – O REALISMO HISTÓRICO DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ: A COLÔMBIA E A AMÉRICA LATINA EM *NINGUÉM ESCREVE AO CORONEL*

Primeiramente é importante compreender que os livros de Gabriel García Márquez não se comprometem com a verdade real, mas sim com uma memória emocional e recordações de uma história que se tem para contar. A história presente em *Ninguém Escreve ao Coronel*, possui um cunho autobiográfico pois assim como o coronel, o avô de Gabriel García Márquez foi veterano da guerra dos mil dias e esperou pela pensão que nunca chegou (CUNHA, 2012). Existe, portanto, nos livros de García Márquez a intersecção entre a história, a memória e literatura que nos permite utilizar o livro como fonte de análise do contexto social latino-americano, porque “a literatura é representativa do tempo em que foi produzida e transmite os valores culturais de tal época” (CUNHA, 2014, p. 10).

Ao analisar o romance, percebe-se de forma nada sutil os detalhes sobre a política de dominação social de um regime totalitário e como ele reflete a experiência social vivenciada por outros países da América Latina. Esse capítulo busca identificar pontos que retratem as semelhanças entre os processos políticos na América Latina tendo como base o romance *Ninguém Escreve ao Coronel*. Como visto no capítulo anterior, o livro narra a história de um coronel que espera há quinze anos por sua pensão de guerra que foi prometida, enquanto ele e sua esposa enfrentam um nível extremo de pobreza, fome e doenças. Ele sustenta uma esperança e obstinação e, em vários momentos, demonstra a sua insatisfação com a demora, mas não há nada que possa fazer.

Essa impotência vivida por esse Coronel demonstra muito sobre o contexto em que ele está vivendo, marcado pela derrota, desesperança, repressão e falta de apoio governamental num momento histórico pós conflito, marcado por autoritarismo e repressão política. É importante compreender o contexto em que esse Coronel está inserido para que possamos entender o símbolo de sua resistência.

Deste modo, o capítulo divide-se em três partes. A primeira parte trata sobre a Guerra Civil de 1899-1902 ocorrida na Colômbia, sendo retratada indiretamente na promessa de pensão militar ao Coronel no romance *Ninguém escreve ao coronel*. A segunda parte discute o contexto ditatorial no qual o Coronel vivencia no romance, que García Márquez procura refletir sobre momentos de repressão política vivenciados pela Colômbia no transcorrer do século XX. E a terceira parte que aborda a corrupção do Estado que não concede a pensão do coronel e como isso se reflete nas relações de poder.

2.1 A Guerra Civil de 1899-1902

A guerra da qual o Coronel participou é chamada de Guerra dos Mil Dias, mas para compreender o que causou esse confronto é necessário fazer uma retrospectiva da realidade colombiana no início do século XIX. Segundo Marina Procópio Rodrigues da Cunha (2014), a Colômbia do século XIX estava em estado constante de guerra. Desde a independência, passou por “oito guerras civis nacionais, quatorze guerras civis locais, inúmeras revoltas, duas guerras com o Equador e três golpes de Estado” (CUNHA, 2014, p. 21-22). Por isso não se pode analisar a Guerra dos Mil Dias sem pontuar os antecedentes turbulentos e sangrentos que a antecedem.

A Colômbia sofreu de problemas demográficos desde que era colônia e eles se agravaram com a independência em 1819, com o despovoamento o governo não conseguiu manter o território integrado e com o passar dos anos esse território começou a se esfacelar. O diminuto populacional, as longas distâncias, as sucessivas divisões enfraqueceram o país politicamente e danificaram a economia (CUNHA, 2014.).

Segundo Marco Palacios (2003), os principais conflitos da Colômbia são as guerras civis nacionais de 1876-1877, 1885-86, 1895 e 1899-1902, pois expuseram os conflitos entre as elites sobre o papel do Estado, a igreja e as províncias. Ele aponta como a disputa entre liberais e conservadores tinham raízes profundas na relação entre Estado e Igreja. De um lado os conservadores queriam um governo central com a manutenção do poder da Igreja Católica; do outro os liberais queriam o oposto, um governo descentralizado defendendo uma separação entre Estado e Igreja com uma educação laica. Como esses partidos não conseguiram chegar a um acordo sobre qual visão o país deveria seguir, iniciaram-se os conflitos ideológicos que evoluíram para armados, fazendo com que a Colômbia vivesse um ciclo constante de guerras civis no século XIX culminando na Guerra dos Mil Dias (1899-1902).

Segundo Marina Procópio Rodrigues da Cunha:

A história destes conflitos começa no final da década de 1840 quando os partidos por nós estudados são fundados. Em 1848, Ezequiel Rojas elaborou o primeiro programa liberal e, em 1849, Mariano Ospina Rodríguez e José Eusebio Caro fundam o Partido Conservador. (CUNHA, 2014, p. 31).

A autora segue explicando que esses partidos foram formados por pessoas que já estavam dentro da política, participavam de grupos políticos pré-existentes e tinham suas

ideologias formadas. Isso não significa que dentro de cada partido eram unidos e tinham uma base de concordância, internamente existiam divisões que foram criadas e extintas ao longo dos anos.

Apesar das divergências, os liberais e conservadores têm suas raízes em partidos que lutaram pela independência e concordam na importância da agricultura de exportação. Cunha (2014), argumenta que ambos os partidos eram liberais por possuir uma base de luta anticolonial e ambos desejavam criar uma Colômbia moderna com economia liberalista aos moldes dos Estados Unidos da América e da Inglaterra. Ambos alteram suas práticas, às vezes concordando com algumas ações do outro partido, mas continuaram sendo tradicionalmente opostos em suas ideologias. Suas principais desavenças como já citado envolve questões de religião e a intervenção do Estado na Economia.

Cunha (2014) responde a uma questão crucial para entender como as populações foram arrastadas para esses conflitos civis iniciados por esses partidos. Ela destaca que:

Os partidos passam a ser parte da identidade dessas populações. Ser parte de um partido era mais do que uma afiliação política, muito mais. Era pertencer a um grupo, a uma linhagem, a uma comunidade. O homem simples do campo se sente Conservador ou Liberal e se sente obrigado pela sua honra e a história de sua família a participar dos conflitos, a votar. A sua afiliação, na maioria das vezes, tinha muito mais a ver com a sua família, vizinhança, com a sua cor ou profissão, do que com os seus ideais políticos (CUNHA, 2014, p. 34).

A identidade partidária dessa população foi formada pela rivalidade histórica entre os Liberais e conservadores e a cada guerra se intensificou mais. Os veteranos liberais em particular desenvolveram uma identidade marcada pela derrota e ressentimento, como a do Coronel do livro *Ninguém Escreve ao Coronel*.

Juan Sebastian Bonilla Ayala (2024) argumenta que a Guerra dos Mil Dias foi classificada por muitos autores como a mais intensa de todo o século XIX colombiano. Iniciada pelos Liberais com o objetivo de “destituir al gobierno conservador de Manuel Antonio Sanclemente, derogar la constitución de 1886 y restituir la organización federal.”³ (BONILLA AYALA, 2024, p. 150). Essa constituição segundo Cunha (2014) era radicalmente centralista e restituía o poder que a Igreja Católica perdeu nos anos anteriores, era voltada para proteger os interesses dos conservadores.

³ Tradução própria usando <https://translate.google.com.br/?sl=pt&tl=en&op=translate>: “destituir o governo conservador de Manuel Antonio Sanclemente, revogar a constituição de 1886 e restituir a organização federal.”

Os interesses dos militares eram protegidos pelo *Código Militar de 1881*, que segundo Bonilla Ayala (2014):

(...) planteaba una serie de requisitos y obligaciones que el militar estaba obligado a aplicar en tiempos de paz, en contraste con las circunstancias de la guerra. Al final, los cargos obtenidos en la misma guerra podían ser validados por testigos reconocidos o documentos administrativos para que el individuo continuara en servicio activo en la posguerra o recibiera bonificaciones y pensiones (BONILLA AYALA, 2024, p. 152).⁴

Mais tarde esse código deu lugar ao de 1883, que regulamentava a política de ascensão militar por antiguidade e por eleição, assim como uma combinação de ambos, cujo objetivo era incentivar as centenas de homens a se manterem na prestação de serviços militares, garantindo benefícios aos que ascendessem. Mas para ascender na hierarquia militar era importante cumprir requisitos básicos de conhecimento de matemática, aritmética, leitura e escrita (BONILLA AYALA, 2024). A guerra facilitou o processo de ascensão dentro do exército devido à urgência de formar unidades militares. Apesar de existirem regulamentações a serem seguidas para que houvesse promoções de soldados, pessoas movidas por interesses próprios solicitaram algumas promoções aproveitando-se de suas conexões para garantir as nomeações.

A ascensão militar era promovida pelos dois exércitos, geralmente era concedida a quem provasse ter participado de batalhas anteriores e era acompanhada de alguns benefícios, como uma melhor alimentação e salários mais altos. Mas segundo Bonilla Ayala (2024), a inflação de 1900 ocasionou o não cumprimento do estado em relação aos direitos dos soldados, conseqüentemente os salários atrasaram e a falta de alimentos levou a inúmeras deserções. No fim, os soldados recebiam menos do que os cozinheiros e motoristas, os benefícios acabavam sendo apenas superficiais.

Na obra de Gabriel Garcia Márquez, em *Ninguém Escreve ao Coronel*, a guerra é representada pelo veterano que participou da famigerada Guerra dos Mil Dias e vive a velhice no descaso e esquecimento por parte das autoridades na espera eterna do pagamento de sua prometida pensão. Um fato que ultrapassa o romance e parte para realidade do autor, como o caso do seu avô e de milhares de outros colombianos.

No livro, o Coronel dá a entender que vive em um lugar remoto e que somente às sextas-feiras chega uma lancha com correspondências, o narrador fala: “Na sexta-feira seguinte

⁴ Tradução própria usando <https://translate.google.com.br/?sl=pt&tl=en&op=translate>: “(...) estabelecia uma série de requisitos e obrigações que o militar estava obrigado a cumprir em tempos de paz, em contraste com as circunstâncias da guerra. No final, os cargos obtidos durante a guerra podiam ser validados por testemunhas reconhecidas ou documentos administrativos para que o indivíduo continuasse em serviço ativo no pós-guerra ou recebesse bonificações e pensões.”

voltou às lanchas. E como todas as outras sextas-feiras regressou a casa sem a carta esperada.” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2000, p. 20). Mais à frente em conversa com outro personagem o coronel fala “todos os meus companheiros morreram à espera do correio” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2000, p. 21). Aos setenta e cinco anos vivendo uma rotina de miséria com sua esposa, ele sustenta a esperança de que a sua pensão vai chegar, mesmo sabendo que seus companheiros morreram sem que ela chegasse.

Como apontado por Bonilla Ayala em *Los ascensos militares em Colombia durante la Guerra de los Mil Días*, o governo já estava envolto de uma corrupção crescente e não cumpria os acordos dos códigos militares muito antes do fim da guerra, então o que se sucede ao Coronel na espera infinita pela sua pensão é reflexo de um governo que não cumpriu suas obrigações nem durante a guerra. O Coronel simboliza uma realidade que foi vivenciada pelos combatentes durante a guerra, que mesmo lutando foram abandonados à própria sorte. García Márquez traz em sua obra a realidade do isolamento e esquecimento de quem serviu na guerra mostrando um sistema que prometia recompensas, mas falhava em entregá-las.

Uma vez findo a apresentação do contexto da guerra a qual o Coronel participou, é importante compreender o momento em que se passa a história. A seguir nos dedicaremos a estudar os aspectos da ditadura presente na obra *Ninguém escreve ao Coronel*, buscando compreender o ponto em que a realidade e a ficção se cruzam na obra de García Márquez.

2.2 A ditadura

A partir de agora vamos entender o contexto em que o personagem de *Ninguém Escreve ao Coronel* está inserido. O personagem não tem o seu nome identificado em nenhum momento, ele é apenas o Coronel, isso talvez signifique a importância do seu título, já que nos exércitos os cargos oficiais mais altos são coronéis e logo em seguida generais. Em um trecho da história em que o Coronel vai conversar com o advogado responsável pela sua pensão, o advogado comenta: “Nem todos tiveram a sua sorte, que foi coronel aos vinte anos.” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2000, p. 21). Isso mostra que ele ascendeu muito jovem na carreira militar durante a Guerra dos Mil Dias.

Suponhamos que a sua promoção ocorreu durante os anos de 1900-1902, isso é importante para definir os anos do contexto presencial da história já que ao final do livro o narrador fala: “O coronel precisou de setenta e cinco anos - os setenta e cinco anos da sua vida, minuto a minuto - para chegar a este instante.” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2000, p. 52). O tempo que decorre desde a sua promoção aos vinte anos até o final do livro é cinquenta e cinco anos,

portanto se a sua promoção ocorreu entre 1900-1902 o tempo presente em que se passa o livro é entre 1955-1957. Mas não se descarta a hipótese de que ele pode ter recebido a promoção por méritos e conquistas após o fim da guerra.

O início da década de 1950 na Colômbia é marcado por tentativas de implantação de um regime autoritário que culmina com o golpe militar de 1953, a divisão conservadora marcou o surgimento do exército como um árbitro do conflito político (PALACIOS, 2003, p. 132). Esse período é marcado pelos estados de sítio e pela ditadura. Segundo Palacios (2003), é difícil definir o número de vítimas da violência porque eles estão distribuídos entre uma “violência temprana” (1945-1953) e uma “violência tardia” (1954-1966), mas existe uma estimativa que varia de 194.000 a 300.000 mil mortos. Então no livro o Coronel está nesse período que é caracterizado pela ditadura militar (1953-1958) que possui aliança com os conservadores, vivenciando o aumento indiscriminado da violência política.

A ditadura é retratada de forma muito clara no livro de García Márquez, em alguns trechos falando sobre a violência de forma explícita, em outros de uma forma mais discreta como vamos ver adiante. Um pouco depois do início da história o Coronel está se arrumando para ir em um enterro e ele faz o seguinte comentário: “É o primeiro de morte natural que temos desde há muitos anos.” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2000, p. 7). Logo mais adiante, durante o cortejo fúnebre, o coronel encontra D. Sabas, “o único dirigente do seu partido que escapara à perseguição política e que continuava a viver na terra.” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2000, p. 9). Quando o Coronel destaca que há muito tempo não se morre de forma natural e que o seu compadre é o único sobrevivente da perseguição política, entende-se o nível extremo de violência.

Enrique Serra Padrós (2008) argumenta que uma das características dos regimes de ditadura é identificar cidadãos com ideologias adversas e tratá-los como inimigos perigosos dos interesses da unidade nacional e, conseqüentemente, o cidadão que não defende a nação não tem direito de pertencer a nação. Dessa forma iniciam-se as buscas por “inimigos da nação”, “terroristas”, “comunistas” (no contexto de guerra fria) etc., que perdem o direito à cidadania e se tornam inimigos caçados e repreendidos de forma violenta.

Durante o cortejo do jovem falecido, o Coronel comenta que eles não podem passar em frente ao quartel da Polícia e D. Sabas responde “esqueço-me sempre que estamos em estado de sítio.” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2000, p. 10). Essa é outra característica de regimes autoritários, no qual os direitos das populações podem ser restringidos, nesses casos perdem-se os direitos de reunião e de livre circulação obrigando as pessoas a permanecerem em lugares específicos. O livro apresenta o toque de recolher, que estipula um horário no qual as pessoas

devem estar em casa, se alguém estiver na rua após o horário estipulado é assassinado arbitrariamente.

O Coronel conserva em sua casa um galo que considera a herança deixada por seu filho Augustín, filho que foi morto “varado de lado a lado nove meses antes no pavilhão de lutas de galos, por distribuir propaganda clandestina.” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2000, p. 11). No livro o Coronel sofre pela perda do seu filho que foi morto pela repressão política. A violência dentro da ditadura é vista como essencial para manter o controle nacional, e essas características de violência e repressão foram perceptíveis em todas as ditaduras da América Latina – de acordo com Padrós (2008), essas ações podem ser consideradas terrorismo de estado contra a sociedade.

Outra característica da ditadura é apresentada em uma das idas do Coronel ao cais. Na ocasião o Coronel foi esperar a lancha e ao chegar lá encontrou-se com o médico que estava à espera dos jornais. Quando o médico recebeu os jornais o Coronel questionou “Que notícias há?” e o médico respondeu: “Não se sabe (...). É difícil ler nas estrelinhas do que a censura permite publicar.” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2000, p. 13). A censura marca tanto a ditadura colombiana como a ditadura brasileira. No Brasil a censura veio acompanhada do AI-5, em 1968 e a “censura política à imprensa tinha por foco as atividades de cunho jornalístico e a publicação de reportagens que pudessem atingir autoridades ou as estruturas de sustentação do regime.” (CARVALHO, 2014, p. 80). Nesses casos eram vetadas notícias de cunho político que pudessem de alguma forma causar comoção social, então quando o médico responde que é difícil ler nas entrelinhas é porque realmente não tem notícias relevantes sobre o que está acontecendo no País.

No livro, para que as pessoas não tivessem notícias internas e ignorassem seus problemas sociais, as informações dos jornais passaram a se concentrar na Europa, o Coronel comenta: “Desde que há censura, os jornais não falam senão da Europa.” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2000, p. 19) E o médico responde: “Para os europeus, a América do Sul é um homem de bigodes, com uma guitarra e um revólver.” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2000, p. 19). Existe nesses comentários a crítica ao regime que impõe a censura e só mostra a eles assuntos relacionados à Europa e ao mesmo tempo uma crítica aos europeus que não sabem nada sobre a América do Sul e possuem apenas uma visão estereotipada sobre o que é ser latino-americano.

A censura está presente ainda em outro trecho quando o Coronel chega em casa e o narrador fala: “Um pouco depois das sete soaram na torre as badaladas da censura cinematográfica. O padre Ángel utilizava este meio para divulgar a qualificação moral do filme de acordo com a lista classificada que recebia todos os meses pelo correio.” (GARCÍA

MÁRQUEZ, 2000, p. 13). Ou seja, não somente os jornais estavam passando pelo crivo da censura, mas também as produções cinematográficas. Um filme pode ser censurado por não se encaixar dentro das normas políticas ou morais estipuladas pelo estado da ditadura. A título de comparação, Meize Lucena Lucas (2015) explica que no Brasil a censura cinematográfica foi grande a ponto de criarem uma divisão de censura de diversões públicas em 1972. A autor argumenta que:

A forte tradição católica brasileira permitiu que a Igreja, por meio de publicações como jornais e revistas bem como dos sermões de seus párocos, não só exercesse a censura junto aos fiéis, indicando ou interditando filmes, como também fornecesse parâmetros de avaliação. (LUCAS, 2015, p. 226).

Como a ditadura colombiana possuía uma aliança com os conservadores, grandes defensores da Igreja Católica, supõe-se que a censura cinematográfica na Colômbia esteve em parâmetros semelhantes à censura brasileira. Tomada a frente pela Igreja Católica, já que no livro é o Padre Ángel que divulga as qualificações morais dos filmes.

No livro *Ninguém escreve ao Coronel* é destacado que mesmo com a censura existia uma circulação de imprensa clandestina que revelava sobre o estado da resistência armada no interior do país. O que as informações nos jornais não dizem, os folhetos clandestinos revelavam e os personagens faziam essas informações circularem. O filho do Coronel morreu por causa da distribuição de folhetos clandestinos, isso mostra que a população não estava acomodada ao regime da ditadura, ao contrário, eles procuraram uma forma de resistir ao estado de opressão. “O coronel dirigiu-se à alfaiataria para entregar a carta clandestina aos companheiros de Augustín. Era o seu único refúgio desde que os correligionários tinham sido mortos ou expulsos da terra (...)” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2000, p. 16). Dessa forma o Coronel perpetua o legado de resistência do seu filho.

Segundo Padrós (2008, p. 152) “o poder político não se baseia só na violência, mas ele se constitui, parcialmente, sobre ela e, parcialmente, sobre o consenso.” O autor argumenta que o Estado tem por natureza o monopólio legítimo do uso da força, que são condicionados aos limites consentidos pela legislação interna e subordinados à maior de suas obrigações, a defesa intransigente da lei. Mas essa condição se dilui quando entra como critério a permissibilidade que justifique uma ação com base na existência real ou em um potencial de ameaça aos interesses dos setores dominantes. A partir disso a violência é constitucionalmente legitimada e monopolizada pelo estado, e convertida em ações de terror.

As ditaduras na América Latina possuem características em comum: a discriminação, a tortura, a censura e, também, as inúmeras iniciativas repressivas e violentas. Mas não é só isso que define o estado da ditadura, o medo e o terror são tão opressivos quanto a violência física (PADRÓS, 2008). E como se deu esse terror? Para legitimar suas atitudes violentas o estado cria um inimigo, ele é perigoso e subversivo, a partir disso escolhe seus alvos (sindicatos, jovens, professores, políticos de oposição, religiosos, progressistas, etc). O terror de estado fica então definido e quando uma pessoa é atacada pela ditadura a justificativa é de que ela era esse inimigo. Quando o inimigo é definido, surge uma “cultura do medo” que contribui para a quebra de correntes de solidariedade, isola as vítimas e amedronta as demais pessoas de forma indireta.

Em *Ninguém Escreve ao Coronel* não há um inimigo definido, mas existem evidências de uma perseguição, no trecho já comentado anteriormente, D. Sabas era o último remanescente da perseguição política, todos os outros estavam mortos, mostrando a capacidade da ditadura de eliminar massivamente aqueles que consideravam seus inimigos.

Todos os aspectos da ditadura colombiana presentes no livro possuem pontos em comum com as ditaduras da Argentina, Chile, Brasil e Paraguai, regimes autoritários, repressivos que violaram direitos, caçaram a oposição política entre outros aspectos. A realidade da ditadura que é vivenciada pelo Coronel, o medo, o terror e a violência também fez parte da vida de outros milhares de latino-americanos em outros países. Gabriel Garcia Márquez retrata uma história que em determinados momentos é compartilhada, então por mais que as experiências tenham algumas especificidades, suas características compartilhadas moldam a identidade da América Latina.

Neste tópico nos dedicamos a compreender a repressão vivenciada pelo Coronel no contexto em que se passa a história, analisando a ditadura 1953-1957 e os diversos aspectos que caracterizam esse sistema. No tópico a seguir vamos analisar a corrupção do estado e o que ele representa na vida do Coronel.

2.3 O Coronel e a corrupção do Estado: relações de poder

No romance *Ninguém Escreve ao Coronel*, de Gabriel Garcia Márquez, o Coronel é um homem idoso de setenta e cinco anos que sofre de problemas de saúde, sua mulher também idosa sofre de problemas respiratórios e os dois vivem em uma cidade pequena e pobre, às vezes sem ter o que comer, dependendo da boa vontade de quem lhes vende fiado. No decorrer da história eles vendem algumas coisas de valor para arrecadar dinheiro e comprar sua comida e a ração do galo, única herança deixada pelo seu filho.

O Coronel é orgulhoso e resiliente e tem esperança em meio à adversidade, pois ele aguarda há anos uma carta do governo concedendo sua pensão de veterano da guerra. Essa espera simboliza sua luta pessoal e também a negligência do Estado para com os que serviram e foram esquecidos. Sua esposa é mais realista, em meio a dificuldade que eles estão vivenciando ela tenta convencê-lo a vender o galo de briga, mas para o Coronel o galo é um símbolo de esperança. Sua personalidade é marcada então por uma teimosia e idealismo, ele acredita na justiça e não quer se curvar diante da corrupção e da humilhação pela qual vem sofrendo há anos.

No livro *Entre la legitimidad y la violencia: Colombia 1875-1994*, o autor Marco Palacios fala da corrupção presente na Colômbia desde o fim da guerra e como ela se estende durante todos os governos colombianos, uma corrupção governamental, administrativa e policial. O governo da década de 1950 juntamente com os anteriores foram acusados de desestimular e distorcer o uso produtivo dos recursos públicos e privados (PALACIOS, 2003). O autor ainda argumenta que os governos davam mais atenção e recurso para cidades que possuíam uma elite que os apoiavam. Conseqüentemente quem possuía mais poder de decisão e influência era o mais privilegiado dentro dos governos, e isso não mudou dentro da ditadura.

É importante entender que a corrupção apresentada não nasceu na ditadura, ela veio se mantendo desde a década de 1940 e se fortaleceu durante o governo de Rojas que segundo o autor “con excepción de algunos ministerios y gobernaciones ocupados por militares, los empleos públicos se repartieron entre azules.” (PALACIOS, 2003, p. 212).⁵ Em troca de apoio e em nome da aliança estabelecida os conservadores foram inseridos em cargos públicos no governo de Rojas, demonstrando um aspecto da corrupção do seu governo. Apesar do livro *Ninguém Escreve ao Coronel* não mencionar diretamente o governo de Gustavo Rojas Pinilla (1953-1957), a temporalidade aponta para ele, e aborda as conseqüências sociais e econômicas da negligência estatal com comunidades marginalizadas e pobres.

No livro de García Márquez um representante da elite é o personagem D. Sabas, ele é um ex-revolucionário que provavelmente se acomodou ao sistema aproveitando-se das oportunidades criadas pela corrupção, por isso é o único sobrevivente de seu antigo partido. Esse personagem que se diz amigo do Coronel está constantemente o aconselhando a vender o galo, que é o sinônimo da sua esperança, é como se ele estivesse falando para o Coronel ceder a essa miséria imposta a ele. “Venda esse galo antes que seja demasiado tarde.” (GARCÍA

⁵ Tradução própria usando <https://translate.google.com.br/?sl=pt&tl=en&op=translate>: “com exceção de alguns ministérios e governadorias ocupados por militares, os cargos públicos tenham sido distribuídos entre os conservadores ("azules").”

MÁRQUEZ, 2000, p. 33). Apesar de ter muito dinheiro, D. Sabas não o ajudou e provavelmente o Coronel não aceitaria se ele tivesse oferecido dinheiro, pois é um homem muito orgulhoso. De certa forma o Coronel está dizendo que não vai ceder ao sistema que matou seu único filho. Ele só espera que o Estado cumpra com o próprio dever, porque ele já tinha cumprido o seu dever na guerra.

Ao contrário dele, sua mulher não aguenta mais essa espera, o que acaba desencadeando diversas discussões entre eles durante toda a história. Em um trecho ela fala: “Vinte anos à espera dos sapatos de defunto que te prometeram depois das eleições todas e de tudo isso só nos resta um filho morto - prosseguiu ela. - Nada mais que um filho morto.” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2000, p. 36). Ela não aguenta mais passar fome esperando o cumprimento de uma promessa vazia por parte de um governo que ao final da história não cumpre nada e ainda sai impune.

Enquanto Marco Palacios (2003) fala que a corrupção é uma constante nos governos da Colômbia, García Márquez (2000) em sua obra nos mostra um exemplo de como essa corrupção atingia a vida das pessoas comuns e pobres que não tem nada a oferecer para o Estado. Como citado anteriormente, o governo da ditadura é utilitarista, ele financia e favorece aqueles que tem algo a oferecer, e isso é um ponto chave nas relações de poder dentro da sociedade colombiana da década de 1950.

O poder está concentrado na mão dos militares e conservadores e o governo usa todo esse poder para reprimir, silenciar e controlar a sociedade. A luta do Coronel pela pensão que nunca chega nos mostra como o Estado tem controle absoluto sobre a vida de seus cidadãos, que são irrelevantes quando comparados ao que está por trás da grande máquina política (a elite conservadora). O Coronel nesse contexto representa a pessoa que não tem poder para mudar a sua situação, enquanto outros se aproveitam do sistema corrupto, como o D. Sabas. O livro se encerra e o Coronel continua à espera da pensão que provavelmente não virá, e supõe-se que não virá porque todos os seus amigos veteranos morreram esperando por ela.

A esperança invicta do Coronel é uma expressão de sua resistência, mas ele sofre profundamente e interminavelmente, porque todas as sextas-feiras sai de casa na esperança de que tenha chegado sua carta, e volta frustrado pela ilusão que estava alimentando. O Estado por quinze anos controla o Coronel, perpetuando o seu sofrimento enquanto o mata de fome, essa é a demonstração do poder de um Estado.

Este capítulo buscou explorar um pouco dos contextos que perpassam a jornada do Coronel, abordando tanto a Guerra dos Mil Dias a qual ele participou, como a sua vida no presente da história, que possui um governo autoritário e corrupto. Analisar esses dois períodos

é de suma importância para entender a relação do Coronel para com o Estado, já que ele está esperando há quinze anos a pensão de veterano que deveria ter sido concedida. Mas os governos que se passaram desde que foi prometida a pensão não assumiram a responsabilidade e deixaram todos os veteranos à mercê da sorte. A história se encerra sem solução, com o final em aberto e a perpetuação de um ciclo interminável de espera e frustração.

CONCLUSÃO

No decorrer deste trabalho, foi possível observar como em *Ninguém Escreve ao Coronel*, Gabriel García Márquez mobiliza o realismo mágico como uma forma de recontar a história a partir de uma perspectiva latino-americana. O realismo mágico de Márquez opera em uma linguagem que insere a experiência latino-americana no campo da literatura de maneira autônoma e crítica, ele busca não reproduzir modelos europeus de realismo ou de história, mas busca produzir outras formas de dizer o real, mais próximas das experiências coletivas e culturais da América Latina.

A espera do Coronel sintetiza a sensação histórica de abandono vivida por muitos povos latino-americanos: sujeitos que lutaram, acreditaram em promessas de mudança e foram deixados à margem pelos próprios projetos de nação. Ao narrar essa espera sem fim, García Márquez denuncia a violência do esquecimento e da exclusão institucional, mas também preserva a dignidade do personagem e sua persistência diante do absurdo.

Ao articular a realidade colombiana com experiências comuns a outros países latino-americanos, *Ninguém Escreve ao Coronel* revela como o realismo mágico pode funcionar como uma ferramenta de leitura crítica da história. Ele não propõe uma fuga da realidade, mas uma forma de confrontá-la por outros caminhos, revalorizando saberes e vivências silenciadas pelo pensamento colonial. Nesse sentido, a literatura de García Márquez contribui para a construção de uma memória coletiva latino-americana que se afirma não pelo centro, mas pelas bordas da história oficial.

REFERÊNCIAS

- ANTONIETTI-LOPES, Tania Mara. **O realismo mágico na comunhão estética entre Memorial do Convento e Cem anos de Solidão**. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras. Araraquara – SP, 2007.
- BONILLA AYALA, Juan Sebastian. Los ascensos militares em Colombia durante la Guerra de los Mil Días. **Hist. Caribe** [online]. 2024, vol.19, n.45, pp.147-174.
- CARVALHO, Lucas Borges. A censura política na ditadura militar: fundamentos e controvérsias. **Revista da Faculdade de Direito – UFPR**, Curitiba, vol. 59, n. 1, p. 79-100, 2014.
- CHARTIER, Roger, 1945. **A história ou a leitura do tempo**. [Tradução Cristina Antunes] 2. Ed.; 3. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- CHIAMPI, Irlemar. **O realismo maravilhoso**. São Paulo: Perspectiva, 2021.
- CUNHA, Marina Procópio Rodrigues da. Memória e representação da Guerra dos Mil Dias nas obras de Gabriel García Márquez. In: **VI Simpósio Nacional de História Cultural: Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar**, 2012, Teresina. Anais [...]. Disponível em: gthistoriacultural.com.br. Acesso em: [12/02/2025].
- CUNHA, Marina Procópio Rodrigues da. **Representações da Guerra dos Mil Dias em Cem anos de Solidão e Ninguém escreve ao Coronel**. Dissertação (Mestrado) – Departamento de História do Programa de Pós Graduação em História, Universidade de Brasília, 2014.
- ESTEBAN, Angel; PANICHELLI, Stéphane. **Fidel & Gabo: A Portrait of the Legendary Friendship between Fidel Castro and Gabriel García Márquez**. Pegasus Books, New Work, 2011.
- GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Ninguém Escreve ao Coronel**. Abril/Control Jornal, 2000.
- HERSCOVITZ, Heloisa Golbspan. O jornalismo Mágico de Gabriel García Márquez. **Estudos em Jornalismo e mídia**, Vol. 1, n. 2 – ago.-dez., 2004.
- IEGELSKI, Francine. História conceitual do Realismo Mágico: a busca pela modernidade e pelo tempo presente na América Latina. **Almanake**, n. 27, Guarulhos, 2021.
- LUCAS, Meize Lucena. Cinema e censura no Brasil: uma discussão conceitual para além da ditadura. **Projeto História**, São Paulo, n. 52, pp. 220-244, jan.-abr., 2015.
- MARTIN, Gerald. **Gabriel García Márquez: uma vida**. Rio de Janeiro: Ediouro publicações, 2019.
- PADRÓS, Enrique Serra. Repressão e violência: segurança nacional e terror de Estado nas ditaduras latino-americanas. In: FICO, Carlos; FERREIRA, Marieta de Moraes; ARAUJO, Maria Paula...[at al.] (Orgs). **Ditadura e democracia na América latina: balanço histórico e perspectivas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.
- PALACIOS, Marco. **Entre la legitimidad y la violencia: Colombia 1875-1994**. Bogotá: Norma, 2003.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo como texto: leituras da História e da Literatura. **História da Educação, ASPHE/Fac/Ufpel, Pelotas**, n. 14, p. 31-45, set. 2003.

SALDÍVAR, Dasso. **García Márquez: viagem a semente**, Editora Record, Rio de Janeiro – RJ, 1997.

WHITE, Hayden, **Meta-História: a imaginação histórica do século XIX**. [Tradução de José Laurêncio de Melo]. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.

ZAMORA, Lois Parkinson; FARIS, Wendy B. (eds.) **Magical Realism: Theory, History, Community**. Durham: Duke University Press, 1995.